

Aquisição dos Clíticos em Português como Língua Estrangeira: Que Papel para a Língua Materna?¹

M. JOANA ROSÁRIO
(Universidade Aberta)

1. Introdução

É reconhecido desde há muito que a língua materna (L1) desempenha um determinado papel na aquisição de uma língua segunda/estrangeira (L2). A importância desse papel tem variado, conforme as perspectivas adoptadas (lembramos os estudos de análise contrastiva, Lado, 1957; de construção criativa, Dulay e Burt, 1974; Bailey, Madden e Krashen, 1974). Nos últimos anos, a influência de L1 tem sido, principalmente, entendida, como um mecanismo cognitivo subjacente à aquisição de L2. O modo como o aprendente relaciona a L1 e a L2 determinará em que medida a L1 influencia a L2 (Zobl, 1980; Kellerman, 1979, Gass, 1979; Schachter, 1994; White, 1994).

Neste trabalho, defendemos que o estudo da aquisição dos clíticos (pronomes objecto) em Português Europeu (PE) por aprendentes ingleses e franceses pode ser uma boa maneira de determinar a extensão da influência da língua materna na aquisição de uma língua estrangeira. Apresentaremos os resultados de um estudo realizado e baseado numa análise quantitativa de dados. Os resultados apontam para a confirmação das nossas hipóteses:

- (1) os aprendentes franceses têm mais facilidade na aquisição dos clíticos que os aprendentes ingleses, em virtude de estes também existirem em Francês (L1);
- (2) os clíticos argumentais, devido à sua natureza, são mais fáceis de serem adquiridos que os clíticos não-argumentais;
- (3) a ênclise é o padrão sintáctico preferido por todos os sujeitos, mesmo os franceses, em virtude de ser a opção não-marcada;

2. Clíticos

Os clíticos têm sido caracterizados, na Gramática, como formas semelhantes a palavras, mas que dependem estruturalmente de uma palavra vizinha, como é o caso dos pronomes pessoais átonos das línguas românicas, considerados clíticos simultaneamente sintáticos e fonológicos (Nespor, 1993).

2.1- Clíticos em Português: tipos e sintaxe

Segundo Duarte, Matos e Faria (1994), os pronomes clíticos objecto (me, te, o, a, lhe, se, nos, vos, os, as, sc, lhes) em Português Europeu, conforme a sua função na frase, podem ser classificados em:

- (1) argumental acusativo: Convidamo-la para jantar.
- (2) argumental dativo: A Ana deu-lhe o livro.
- (3) argumental reflexo: Ele vesteu-se sozinho.
- (4) argumental passivo: Vendem-se casas no Algarve.
- (5) argumental nominativo: Diz-se que o governo vai perder as eleições.
- (6) não-argumental- dativo de posse inalienável: Escutaste-lhe a voz?
- (7) não-argumental- dativo de posse: Ao Zé, conheço-lhe bem os defeitos.
- (8) não-argumental-dativo-ético: Lava-me essas mãos.
- (9) não-argumental-inerente: Eles riram-se do Zé.
- (10) não-argumental- inacusativo: O espelho não se partiu com a queda.
- (11) não-argumental- médio: Estas calças lavam-se bem.

Sintaxe dos Clíticos

Quanto à sintaxe, o PE exhibe dois padrões fundamentais de ordem para os clíticos, a ênclise e a próclise e um padrão em regressão, a mesóclise.

- a) *posição enclítica*, i.e., posição de adjacência à direita do verbo (V-CL) é considerada básica e ocorre obrigatoriamente em frases-raiz, em frases coordenadas e em frases subordinadas que não apresentem um elemento de tipo operador em posição pré-verbal. Verifica-se mesmo uma maior dependência entre o clítico e o hospedeiro com a ênclise do que com a próclise.
- b) Os pronomes clíticos em Português Europeu ocorrem em *posição mesoclítica* com as formas do Futuro do Indicativo e do Condicional, desde que não se verifiquem motivações para o uso de próclise.
- c) A *posição próclítica*, i.e. posição de adjacência à esquerda do verbo (CL-V) é geralmente, motivada pelo operador de negação em posição pré-verbal, pelo

preenchimento lexical da posição COMP, pelo complementador, pelo Operador Que, precedendo o verbo, pela presença de quantificadores, advérbios (ainda, bem, já, raras vezes, etc.) antes do verbo e de sintagmas focalizados.

O Português Europeu apresenta a possibilidade de construções de redobro do clítico com os clíticos pronominais:

(12) O Zé não me chamou (a mim).

(13) O Zé viu-a (a ela) ontem.

Segundo Duarte e Matos (1994), o Português Europeu apresenta também a possibilidade de subida do clítico (14) e de subida de clítico simultânea (15):

(14) A Ana fê-lo comer a sopa.

(15) Acho que ele nos viu e cumprimentou.

2.2- Clíticos em Francês: tipos e sintaxe

Os clíticos objecto em Francês são: me, te, le, la, lui, se, nous, vous, les, leur, se. O Francês apresenta quase todos os tipos de clíticos objecto referidos para o PE, com a excepção do clítico nominativo.

(16) argumental acusativo: Marie le connaît.

(17) argumental dativo: Marie leur parle.

(18) argumental reflexo: Jean se rase.

(19) argumental passivo :Il s'est fait couper les cheveux.

(20) não-argumental - dativo de posse inalienável:Il se lave les mains.

(21) não-argumental- dativo de posse:Nous lui connaissons toutes ses manies.

(22) não-argumental- dativo-ético:Je vais me manger une pomme.

(23)não-argumental - inerente: Marie s' évanouit.

(24) não-argumental-inacusativo: La branche s'est cassée.

(25) não-argumental- médio: Une robe de soie se lave facilement.

Quanto à sintaxe, os clíticos objecto em Francês são proclíticos (vd. Cardinaletti e Starke, 1994).

O Francês não admite a possibilidade de subida do clítico simultânea, restringindo-se a subida do clítico às construções causativas, passivas e com tempos compostos:

(26) Jean lui a fait manger la soupe.

(27) Je me suis coupé les cheveux.

(28) Il nous a raconté la vérité.

2.3- Pronomes em Inglês

Os pronomes pessoais objecto e reflexos (me, you, him, her, it, us, you, them, myself, yourself, himself, herself, itself, ourselves, yourselves, themselves) em Inglês não têm o estatuto de clíticos e surgem, geralmente, em posição pós-verbal:

(29) I saw her with them

(30) John has hurt himself.

Contudo, por razões de ênfase, a posição destes pronomes pode ser diferente:

(31) Her, I hate.

2.4- Aquisição dos clíticos

Os estudos sobre aquisição dos clíticos são, geralmente, feitos com crianças e são de tipo longitudinal, tornando a comparação com o nosso estudo muito difícil. No entanto, não queremos deixar de referir alguns deles, ainda que, muito brevemente. A maioria dos estudos sobre o Francês refere que os clíticos objecto surgem relativamente tarde no desenvolvimento da linguagem das crianças (Clark, 1985). Contrariamente, Weissenborn (1988) observa que a ocorrência dos clíticos objecto surge relativamente cedo nas crianças (entre 2;00 e 2;04). Pierce (1992) verifica que os clíticos objecto surgem, apenas, depois dos pronomes sujeito. White (1996), Hammann, Rizzi e Frauenfelder (1996) observam o mesmo fenómeno. Stenzel (1994), ao estudar duas crianças bilingues, observa que as crianças usam estratégias diferentes na aquisição dos clíticos. Uma das crianças usa a estratégia de “tudo ou nada” e a outra uma estratégia mais estrutural com fases distintas. Relativamente ao Português, Duarte, Matos e Faria (1994) observam que os clíticos argumentais são adquiridos antes dos clíticos não-argumentais. Quanto à sintaxe, afirmam que a ênclise é o padrão mais sistematicamente encontrado, mesmo em contextos que requerem a próclise, nas frases produzidas pelas crianças até cerca dos 4 anos. Afirmam também que a preferência pela ênclise se verifica igualmente nas gerações mais novas. Segundo as mesmas linguistas, as crianças (cerca dos 48 meses) parecem dominar a próclise quando desencadeada pela negação ou por complementadores. Observam que, nas frases com verbos auxiliares, as crianças, desde cedo (20 meses), associam, preferencialmente, o clítico à forma verbal com flexão mais rica, preferindo a subida de clítico. Afirmam que os clíticos acusativos são pouco produzidos pelas crianças e sugerem que isso se deve a: uso de léisimo e uso da estratégia de objecto nulo.

3. Desenho Experimental

3.1- Sujeitos

O grupo experimental é constituído por 120 sujeitos, sendo 54 falantes de Francês (FR), 21 falantes de Português, mas residentes em França (PS) e 35 falantes de Inglês (ING). O grupo de controlo (POR) é constituído por 10 sujeitos, falantes de Português Europeu e residentes em Portugal. Neste trabalho, não comentaremos os resultados do grupo PS, já que são semelhantes ao do grupo de controlo.

3.2- Materiais

Começámos por aplicar um teste de língua de tipo *cloze* para identificarmos o nível de língua dos sujeitos do nosso estudo. Os resultados obtidos com a mediana sugerem que os sujeitos franceses e ingleses possuem um nível de língua semelhante: FR (franceses): 99.50; ING (ingleses): 104.00; POR (portugueses/ controlo): 147.50

Os resultados sobre os clíticos foram obtidos através da aplicação de um teste sobre *Juízos de Gramaticalidade*. O teste era constituído por 73 frases, tendo os alunos que assinalar com uma cruz se as respostas eram correctas (A), se eram correctas, mas tinham dúvidas (B), se eram incorrectas (C) ou se achavam incorrectas, mas não tinham a certeza (D).

3.3- Dados e Métodos de Análise Estatística

Os dados foram armazenados em bases de dados construídas para o efeito. Seguidamente, procedemos à análise multivariada dos dados. Usámos o teste do X^2 , a análise classificatória e a análise factorial das correspondências². A análise classificatória permitiu observar a agregação de elementos através de dendogramas. A análise Factorial das Correspondências permitiu observar as representações em nuvem das correlações entre as diferentes variáveis, tendo obtido informação significativa sobre os três primeiros factores.

4. Resultados e Discussão

Análise A (X^2)

4.1-Tipos de Clíticos

Os resultados sobre os tipos de clíticos encontram-se resumidos nos quadros apresentados no anexo 1. O teste do X^2 revela que, na totalidade dos clíticos (quadro nº 1), apenas o grupo dos ingleses se distingue do grupo de controlo ($X^2=5.18$, $gl=1$, $p<.025$). Quanto aos vários tipos de clíticos (quadro nº2), observamos que:

- O **grupo dos ingleses** se distingue do grupo de controlo na maioria dos clíticos: acusativos ($X^2=3.66$, $gl=1$, $p<.05$), dativos ($X^2=6.1$, $gl=1$, $p<.025$), dativos-éticos ($X^2=12.32$, $gl=1$, $p<.001$), posse inalienável ($X^2=12.46$, $gl=1$, $p<.001$), posse ($x^2=6.56$, $gl=1$, $p<.01$), inerente ($x^2=7.64$, $gl=1$, $p<.01$), médio ($x^2= 11.42$, $gl=1$, $p<.001$) e leísmo ($x^2=4.80$, $gl=1$, $p<.05$);

- O **grupo dos franceses** se distingue do grupo de controlo nos clíticos: acusativos ($X^2=4.82$, $gl=1$, $p<.05$), leísmo ($X^2=8.28$, $gl=1$, $p<.01$) e nos clíticos de posse inalienável ($X^2=4.2$, $gl=1$, $p<.05$) e de posse ($X^2=4.78$, $gl=1$, $p<.05$).

De um modo geral, observamos que o grupo de Inglês apresenta diferenças significativas relativamente ao grupo de controlo em quase todos os clíticos não argumentais e nos clíticos argumentais acusativos e dativos, podendo-se concluir que têm mais dificuldades. Tanto ingleses como franceses cometem o fenómeno do leísmo, trocando o clítico acusativo pelo clítico dativo quando tem o traço {+HUM}. Duarte, Matos e Faria (1994) identificaram também o fenómeno do leísmo na linguagem das crianças e de alguns adultos. Gonçalves (1996) observou o mesmo fenómeno em relação ao Português de Moçambique. Os franceses, apesar de não apresentarem dificuldades na maioria dos clíticos não-argumentais, revelam resultados estatisticamente distintos do grupo de controlo nos clíticos de posse. Os resultados obtidos com os clíticos reflexos, inacusativos e passivos não permitem rejeitar a hipótese nula, concluindo-se que não representaram grandes dificuldades para a maioria dos sujeitos do nosso estudo. A existência de pronomes reflexos nas línguas maternas, a presença de antecedentes que dão valor referencial ao reflexo, a necessidade de, para fins comunicativos, os aprendentes necessitarem de perspectivar acontecimentos (despromovendo o agente) e de estes aspectos fazerem parte das línguas maternas, poderão explicar os resultados obtidos.

Os resultados pouco elevados de todos os grupos (incluindo o grupo de controlo) relativamente ao clítico nominativo deve-se, provavelmente a: (1) possibilidade de uso do clítico passivo em duas das frases do teste; (2) possibilidade de uso indeterminado com a 3ª p. plural (dizem, vendem); (3) mais familiaridade com os clíticos dativos.

Concluimos, assim que os sujeitos sem o mesmo tipo de clíticos são capazes de os adquirirem. Contudo, os resultados inferiores revelam que a não correspondência entre L1 e L2 retarda o desenvolvimento de certos aspectos nas interlínguas dos aprendentes (vd. Oxford e Rhodes, 1988 in Ringbom, 1987).

4.2- Sintaxe dos Clíticos

Os resultados sobre a sintaxe dos clíticos, obtidos pelos diversos grupos linguísticos, encontram-se resumidos nos quadros 1e 2 (anexo 2).

Os resultados do teste do X^2 revelam que, apenas, o grupo dos ingleses se distingue do grupo de controlo relativamente à generalidade da sintaxe dos clíticos ($X^2=4.22$, $gl=1$, $p<.05$). Quanto às diversas construções sintácticas e apresentadas no quadro nº2, verificamos que:

- o grupo dos ingleses (ING) se distingue do grupo de controlo na ênclise ($X^2=4.58$, $gl=1$, $p<.05$), próclise ($X^2= 3.96$, $gl=1$, $p<.05$), subida de clítico ($X^2=19.5$, $gl=1$, $p<.001$), subida de clítico simultânea ($X^2=5.60$, $gl=1$, $p<.025$);
- o grupo dos franceses se distingue do grupo de controlo na mesóclise ($X^2=7.22$, $gl=1$, $p<.01$) e na subida de clítico simultânea ($X^2=5.16$, $gl=1$, $p<.025$);

Observamos que todos os grupos, incluindo o grupo de portugueses, obtêm melhores resultados com as construções enclíticas do que proclíticas, confirmando, de certa maneira, aquilo que Duarte, Matos e Faria (1994) já haviam observado relativamente às crianças monolíngues de Português. Achamos que a explicação para este facto pode estar relacionada com a Teoria da Marcação. Tanto o Português, como o Francês são línguas, essencialmente, SVO, excepto na sintaxe dos clíticos objecto. Assim, sugerimos que a ênclise é a construção menos marcada e não nos deverá, por isso, surpreender a preferência dos portugueses e dos franceses (e é claro dos ingleses) por este tipo de construção. C. Platzack (1996), no quadro do Programa Minimalista de Chomsky, sugere que a ordem básica é SVO e, por isso, é mais fácil do ponto de vista de aquisição. Harverkort e Weissenborn 1991 (in Kaiser, 1994) observam também que as crianças monolíngues de Francês colocam, numa fase inicial, os pronomes clíticos depois do verbo.

Verificamos que o grupo de ingleses apresenta resultados inferiores ao grupo de franceses na maioria das construções sintácticas.

Quanto às construções com subida de clítico simultânea, estas revelam-se difíceis para ambos os grupos de franceses e de ingleses. Como se sabe, estas construções não são possíveis em Francês, pelo que será compreensível os resultados fracos obtidos pelo grupo de Francês. Nas construções com subida de clítico, apenas, os ingleses revelam dificuldades. Em nossa opinião, este facto demonstra que os sujeitos ingleses analisam os pronomes objecto em Português como formas clíticas, colocando-os, de preferência, junto

de um verbo pleno e não de um auxiliar, distinguindo-se das crianças portuguesas referidas por Duarte et alii, 1984.

Quanto às construções com redobro de clítico, verificamos que todos os grupos linguísticos, incluindo o grupo de controlo, obtêm resultados fracos. Estas construções são, geralmente, usadas em situações de ênfase no complemento. Achemos que, quer a ausência de contexto que as legitimasse, quer a falta de consciencialização de estruturas de ênfase nas aulas de línguas e nos manuais (Rutherford, 1987) poderão ter contribuído para os resultados obtidos.

Curiosamente, observamos que os ingleses obtêm bons resultados com a mesóclise. Achemos que a particularidade desta construção poderá ter provocado nos aprendentes o *efeito de novidade* mencionado por Kleinman (1977). A saliência perceptual de uma construção pode levar os aprendentes a adquirirem-na mais facilmente do que outras.

Análise B: análise classificatória

Foi seleccionado o dendograma obtido pelo método AVB, tendo o melhor valor de estatística sido obtido a nível 12, onde se forma uma grande agregação com várias variáveis e que se distribuem por 4 classes (anexo 3):

Classe A: acusativos (acus), inerentes (in)

Classe B: dativos (dat), ênclise (enc), médios (med), próclise (pro), reflexos (ref)

Classe C: posse inalienável (pos), inacusativos (erg)

Classe D: dativos-éticos (datet), posse (datgen)

Verificamos que na classe A, as variáveis acusativos, clíticos argumentais, e inerentes, clíticos não-argumentais, estão associadas. Enquanto os clíticos acusativos ilustram que o verbo atribui caso acusativo a um dos seus argumentos, os clíticos inerentes ilustram essa mesma incapacidade do verbo. Os sujeitos parecem conhecer as propriedades de selecção dos verbos envolvidos. Na classe D, verificamos, no nível 9 no dendograma, a associação entre as variáveis com os clíticos não-argumentais de tipo dativo-ético e de posse. As associações das classes A e D são significativas, já que serão confirmadas na análise factorial das correspondências, nos 3º e 1º factores respectivamente.

Análise C: análise factorial das correspondências

Na análise factorial das correspondências (anexo 4) verificamos que, em qualquer dos factores, a maioria das variáveis se situa junto à origem, não sendo, por isso, evidentes. Achemos que a complexidade de um aprendente de L2 e a opacidade dos clíticos em Português podem explicar estes resultados.

O **primeiro factor** (anexo 4) mostra o contraste entre as variáveis *leísmo* (*lei*), *acusativos* (*acu*) e *próclise* (*pro*), situadas no lado positivo do eixo e as variáveis *ênclise* (*enc*), *dativo-ético* (*dte*) e *posse* (*dtg*) situadas no lado negativo do eixo. A variável *leísmo* contribui com 27.1% para o factor. No que respeita à participação dos grupos linguísticos, verificamos que os ingleses contribuem significativamente para as variáveis situadas no lado positivo do 1º factor, enquanto os franceses contribuem um pouco mais que os ingleses para as variáveis do lado negativo do 1º factor.

O **segundo factor** apresenta a oposição entre a variável *nominativo* (*nom*), no lado positivo, e o *redobro do clítico* no lado negativo do factor. A variável *redobro do clítico* contribui com 69.4% para o factor. Quanto à participação dos grupos linguísticos, verificamos que os franceses contribuem, principalmente, para a variável localizada no lado positivo do factor. A contribuição dos outros grupos é muito inferior. No que diz respeito à variável *redobro do clítico* (com clíticos pronominais), a contribuição dos franceses e dos ingleses é muito semelhante (FR: 19.4; ING: 19.9).

O **terceiro factor** situa no lado positivo do eixo as variáveis *leísmo* (*lei*), *acusativos* (*acu*), *inerentes* (*in*) e no lado negativo, *próclise* (*pro*) e *subida de clítico* (*clc*). A variável *próclise* (*pro*) contribui com 42.1% para o factor, a variável *leísmo* (*lei*) com 20.7% e os *acusativos* com 13.2%. O grupo dos ingleses contribui um pouco mais que os franceses para as variáveis situadas no lado positivo (ING:16%; FR: 11.7%). No entanto, os franceses contribuem ligeiramente mais que os ingleses para as variáveis localizadas no lado negativo (FR:25.7%; ING: 17.6%) ou seja para as variáveis- *próclise* e *subida de clítico*. Verificamos que os indivíduos que conhecem as propriedades dos verbos que seleccionam OD, não cometem *leísmo* e conhecem ainda os itens verbais que admitem clítico inerente. Revelam, no entanto, dificuldades com a *próclise* e a *subida de clítico*. Aqueles que preferem estas construções sintácticas não dominam os clíticos de tipo *acusativo* e *inerente*. Assim, os sujeitos, que num determinado momento da aquisição, preferem tipos de clíticos marcados, têm dificuldades nas construções sintácticas marcadas ou vice-versa. Estas observações poderão estar relacionados com aspectos ligados ao processamento.

Os resultados do teste do X^2 , aplicado em cada factor, para verificar se as diferenças nos números de indivíduos são significativas, revela que as variáveis do 1º factor distinguem significativamente os franceses e os ingleses ($X^2=5.87$, $gl=1$, $p<.050$, $\Phi=0.45$).

Os resultados obtidos com a análise factorial - 1º factor - revelam que um grupo de ingleses, ao contrário do que se observa na análise de grupo (anexo 1), já domina os clíticos argumentais de tipo *acusativo*, identificando correctamente as frases que apresentam a troca do pronome *acusativo* pelo *dativo* (*leísmo*). Este grupo de ingleses demonstra também preferência pela *próclise*. Contudo, revela ainda dificuldades com as construções *enclíticas* e com os clíticos não- argumentais de tipo *dativo-ético* e de *posse*. Repare-se que os clíticos *dativos-éticos* e de *posse* já haviam surgido associados a nível 9 na análise classificatória, sendo, por isso, significativa a associação. O clítico *dativo-ético* não é

interpretado como argumento; representa um dos participantes do discurso. O dativo de posse é interpretado como argumento de um NP que é complemento do verbo. Os sujeitos parecem ter tido dificuldade em interpretar as frases com este tipo de clíticos. Talvez, estes sujeitos estejam mais sensibilizados para aspectos sintácticos. Galambos (1982 in Hakuta et alii 1987) observou que as crianças bilingues possuem uma orientação mais sintáctica do que semântica.

Os resultados do **primeiro factor** mostram também que os indivíduos têm tendência em associar clíticos argumentais a construções sintácticas marcadas, como é o caso da próclise (cf. 1ºF, lado positivo) e vice-versa clíticos não-argumentais a construções sintácticas não-marcadas, a ênclise (1ºF, lado negativo). O facto de estas oposições serem feitas tanto por franceses como por ingleses sugere uma certa semelhança no percurso de aquisição de L2. Este aspecto poderá relacionar-se com a competição apresentada no modelo de MacWhinney (1987) e no qual os aspectos linguísticos competem uns com os outros pelo mesmo espaço.

5. Conclusões

Verificamos que a língua materna desempenha um papel subtil na aquisição dos clíticos em Português como língua estrangeira. Os sujeitos franceses, falantes de uma língua com o mesmo tipo de clíticos, obtêm, de um modo geral, resultados superiores aos sujeitos ingleses. Os franceses e os ingleses demonstram mais facilidade no domínio de clíticos argumentais, excepto nos clíticos acusativos que possuem o traço [+ HUM];

Os clíticos não-argumentais são difíceis para ambos os grupos, especialmente para os ingleses. Os clíticos de tipo dativo de posse são, sem dúvida, os mais difíceis, pois tanto franceses como ingleses obtêm resultados fracos e distintos do grupo de controlo;

A relativa facilidade demonstrada, tanto por franceses como por ingleses, relativamente aos clíticos médios (excepto para os ingleses), inacusativos e passivos poderá estar relacionada com as necessidades comunicativas;

A complexa sintaxe dos clíticos em Português causa, principalmente, dificuldades aos falantes de uma língua sem o mesmo tipo de clíticos, sendo a ênclise a construção preferida por ambos os grupos;

Tanto franceses como ingleses associam, preferencialmente, clíticos marcados (não-argumentais) a construções menos marcadas (ênclise) ou vice-versa, i.e. clíticos menos marcados (argumentais) a construções mais marcadas (próclise); O estudo do fenómeno da influência de L1 em L2 pode ser interessante por várias razões. O ensino de uma língua pode tornar-se mais eficaz se as diferenças/semelhanças entre línguas forem consideradas. Além disso, a pesquisa no campo da *transferência* pode contribuir para uma melhor compreensão da natureza da aquisição da linguagem e na descoberta dos tais universais linguísticos.

Anexo 1

Tipos de Clíticos	%
POR	83.8
FR	65.8
ING	55.9

Quadro nº 1: % de respostas correctas sobre a totalidade dos tipos de clíticos.

Tipos de Clíticos	n ^o	POR %	FR %	ING %
acusativos	6	76.7	50.9	50.5
dativos	10	84	64.1	54.9
dativos-éticos	3	76.7	68.5	38.1
posse inalienável	3	90	63.6	47.6
posse (dat-gen)	3	86.7	59.3	55.2
reflexos	3	96.7	78.4	81.0
inerentes	3	96.7	75.3	61.0
inacusativos	3	90	70.4	66.7
médios	3	96.7	92.6	54.3
passivos	3	80	77.8	67.6
nominativos	3	66.7	61.7	55.2
leísmo ⁴	2	65	35.2	41.4

Quadro nº 2: % de respostas correctas sobre os vários tipos de clíticos.

Anexo 2

Sintaxe dos Clíticos	%
POR	79.4
FR	63.9
ING	54.6

Quadros nº 1: % de respostas correctas sobre a generalidade das construções sintácticas dos clíticos.

Sintaxe dos Clíticos	nº	POR %	FR %	ING %
ênclise	33	82.4	68.7	56.2
próclise	15	78	58.6	54.1
mesóclise	1	90	57.4	77.1
subida de clítico	1	100	75.9	45.7
redobro de clítico	3	40	35.2	32.4
subida de clítico simultânea	1	90	61.1	60

Quadro nº 2: % de respostas correctas sobre as construções sintácticas dos clíticos.

Anexo 3

Agregação A.V.B.

Dendograma

níveis 1 a 17

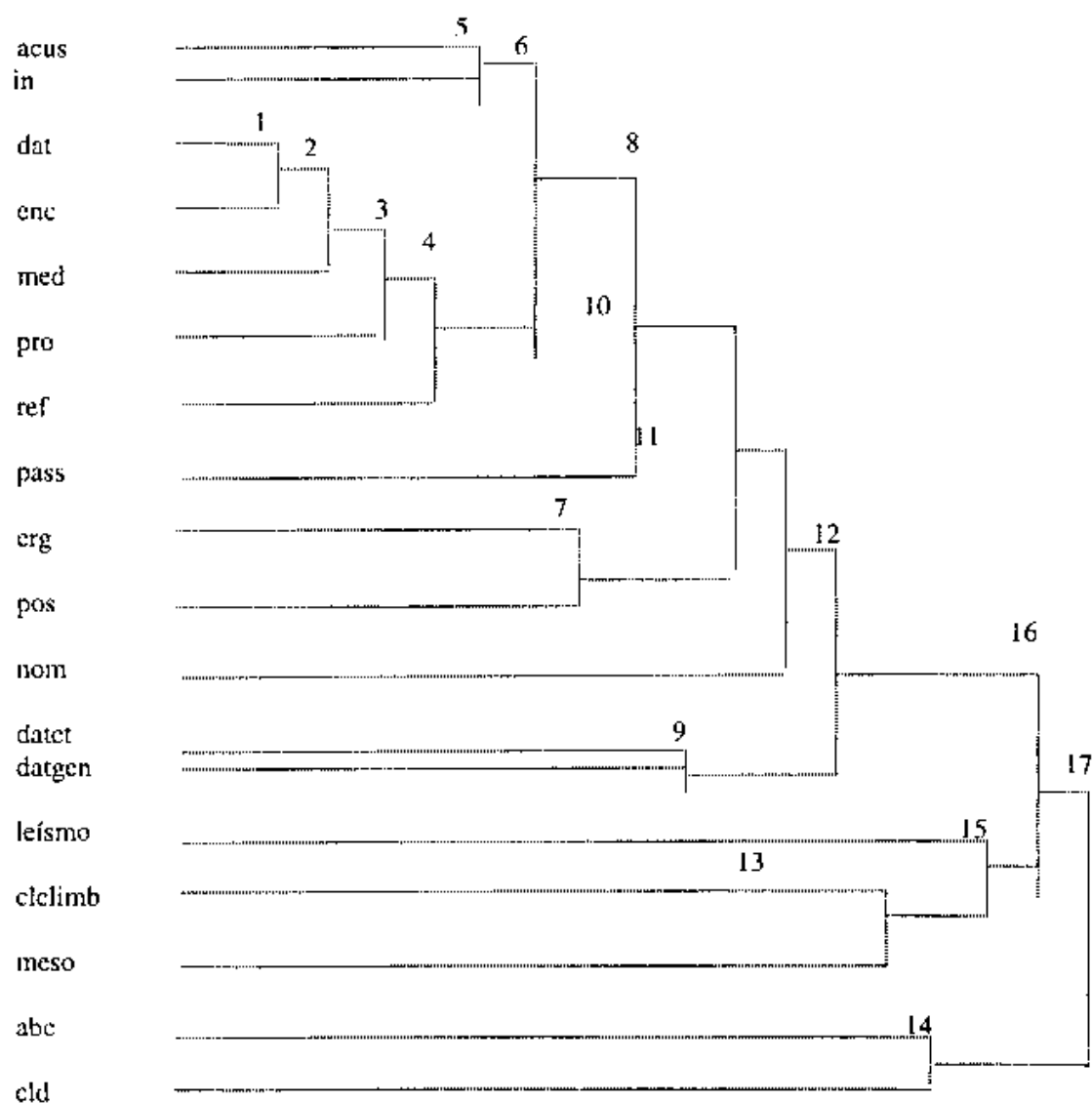


Figura nº1: representação de variáveis relativas aos resultados de teste C (totais) para todos os grupos linguísticos, segundo a agregação de tipo A.V.B.

Anexo 4
Análise factorial das correspondências (totais)

1º Factor	Variáveis	% contribuição variáveis	Indivíduos: n	Indivíduos: %	(pourcabs) % grupo
+	leísmo (lei)	27.1	FR: 4	7.4	FR: 5
	acusativos (acu)	14.9	ING: 10	28.6	ING: 38.5
	próclise (pro)	17.0	PS: 3	14.2	PS: 4.2
			POR: 3	30	POR: 4.8
-	ênclise (enc)	8.2	FR: 10	18.5	FR: 14.3
	dativo-ético (dte)	7.1	ING: 5	14.2	ING: 11.5
	posse (dtg)	12.5	PS: 2	9.5	PS: 2.2
			POR: 1	10	POR: 2.0

2º Factor	Variáveis	% contribuição variáveis	Indivíduos: n	Indivíduos: %	(pourcabs) % grupo
+	nominativo (nom)	9.7	FR: 13	24	FR: 21.6
			ING: 6	17.1	ING: 6.3
			PS: 5	23.8	PS: 8.0
			POR: 1	10	POR: 1.4
-	redobro de clítico (eld)	69.4	FR: 10	18.5	FR: 19.4
			ING: 8	22.9	ING: 19.9
			PS: 0	0	PS: 0
			POR: 1	10	POR: 2.5

3º Factor	Variáveis	% contribuição variáveis	Indivíduos: n	Indivíduos: %	(pourcabs) % grupo
+	leísmo (lei)	20.7	FR: 7	13	FR: 11.7
	acusativos (acu)	13.2	ING: 7	20	ING: 16
	inerentes (in)	6.7	PS: 5	23.8	PS: 6.1
			POR: 0	0	POR: 0
-	próclise (pro)	42.1	FR: 11	20.3	FR: 25.7
	subida de clítico (clc)	7.6	ING: 8	22.9	ING: 17.6
			PS: 1	4.8	PS: 1.3
			POR: 2	20	POR: 2.8

NOTAS:

1. Este trabalho foi realizado no âmbito da dissertação de Mestrado (Julho 1997) e foi orientado pelas Professoras Doutoradas Isabel Hub Faria e Inês Silva Duarte
2. O tratamento estatístico das análises classificatória e factorial das correspondências foi realizado com o apoio da equipa do LEAD da Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Lisboa.
3. n refere-se ao número de contextos por variável
4. Os resultados obtidos com esta variável referem-se aos indivíduos que não cometeram o fenómeno do leísmo.
5. n refere-se ao número de contextos por variável
6. O número total de indivíduos por grupo linguístico é o seguinte:
FR: 54 ; ING: 35; PS: 21; POR: 10
7. Estas percentagens referem-se à diferente contribuição dos diversos indivíduos dentro de cada grupo linguístico.

BIBLIOGRAFIA

- BAILEY, N., L. C. MADDEN e S. KRASHEN. 1974. "Is there a natural sequence in adult second language learning?". *Language Learning*. 24:235-243.
- CARDINALETTI, A. e M. STARKE. 1994. *The Typology of Structural Deficiency on the Three Grammatical Classes*. Univ. Venezia, Univ. Genève:MS
- CLARK, E., 1985. "The Acquisition of Romance with special reference to French". In SLOBIN, D. *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition*: 687-782. Hillsdale, N.J: Lawrence Erlbaum.
- DUARTE, I., G. MATOS e I. H. FARIA. 1994. "Specificity of European Portuguese in Romance ". In FARIA , I. H. e M. J. FREITAS. (orgs.) *Studies on the Acquisition of Portuguese. Comunicações apresentadas no First Lisbon Meeting 1994*: 129 - 154.
- DUARTE, I. e G. MATOS. 1994. " A colocação dos clíticos em Português Europeu e a Hipótese Minimalista". *Actas do X Encontro Nacional da A.P.L.* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística: 177-193.
- DULAY, H. e M. BURT. 1974. "Natural sequences in child second language acquisition". *Language Learning*. 24:37-53.
- GASS, S. 1979. "Language Transfer and Universal Grammatical Relations". *Language Learning*. 29:327-344.
- GONÇALVES, P. 1996. "Aspectos da Sintaxe do Português de Moçambique". In FARIA, I.H., E.R. PEDRO, I. DUARTE, C.A.M. GOUVEIA (orgs.) 1996. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho: 313-330.
- HAKUTA, K., B.M. FERDMAN e R.M.DIAZ. 1987. "Bilingualism and Cognitive Development: three perspectives". In ROSENBERG, S. *Advances in Applied Psycholinguistics*. vol.II. N.Y: C.U.P.
- HAMANN, C., L.RIZZI e U. H. FRAUENFELDER. 1996. "On the Acquisition of Subject and Object Clitics in French ". In CLAHSSEN , H. (org.).1996. *Generative Perspectives on Language Acquisition*. Amsterdam:John Benjamins: 309-334.

- KAISER, G. 1994 . "More about INFL-ection and Agreement -The Acquisition of Clitic Pronouns in French". In MEISEL, J. (org.) 1994. *Bilingual First Language Acquisition - French and German development*. Amsterdam: John Benjamins: 131-159.
- KELLERMAN, E. 1979. "Transfer and non - transfer: where we are now." *Studies in Second Language Acquisition*. 2: 37 -57.
- LADO, R. 1957. *Linguistics across cultures*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- LARSEN-FREEMAN, D. 1975. "The acquisition of grammatical morphemes by adult ESL students. *TESOL Quarterly*. 9 (4):409-419.
- MACWHINNEY, B. (org.)1987. *Mechanisms of language acquisition*. Hillsdale, N.J: Lawrence Erlbaum.
- MATEUS, M. H, A. M . BRITO, I. DUARTE e I. H. FARIA. 1989. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- NESPOR, M. 1993. "The Phonology of Clitic Group " *Comunicação apresentada no workshop sobre Fonologia*. Coimbra .
- ODLIN, T. 1989. *Language Transfer - Cross - Linguistic Influence in Learning*. Cambridge: C.U.P. 1993
- PIERCE , A. E. 1992 . *Language Acquisition and Syntactic Theory - A Comparative Analysis of French and English Child Grammars*. Dordrecht: Kluwer Academic.
- PLATZCK, C. 1996. "The Initial Hypothesis of Syntax: A Minimalist Perspective on Language Acquisition and Attrition". In CLAHSSEN, H.(org.)1996. *Generative Perspectives on Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins:369-414.
- RUTHERFORD, W. 1987. *Second language Grammar Learning and Teaching*. Burnt Mill, Harlow: Longman.
- SCHACHTER, J. 1994. " A New Account of Language Transfer . In GASS, S. e L. SELINKER (orgs). 1994. *Language Transfer in Language Learning*. Amsterdam: John Benjamins: 32 - 46.
- SELINKER, L. 1972. "Interlanguage". *IRAL*.10 (3): 209-231.
- STENZEL, A. 1994. " Case Assignment and Functional Categories in Bilingual Children - Routes of Development and for Linguistic Theory ".In MEISEL, J. (org.) 1994. *Bilingual First Language Acquisition - French and German development*. Amsterdam: John Benjamins.
- TARONE, E. 1979. "Interlanguage as a chameleon". *Language Learning*. 29: 181-191.
- WEISSENBORN, J. 1988. "The Acquisition of Clitic Object Pronouns and Word order in French: Syntax or morphology?". Paper presented at the *3rd International Morphology Meeting*. Krems. July.
- WHITE, L. 1994. "Universal Grammar: Is it just a New Name for Old Problems ? In GASS, S. e L. SELINKER (orgs). 1994. *Language Transfer in Language Learning*. Amsterdam: John Benjamins: 217 - 232.
- WHITE, L. 1996. "Clitics in L2 French". CLAHSSEN, H.(org.)1996. *Generative Perspectives on Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins: 335 - 368 .

- ZOBL, H. 1980. "The Formal and Development Selectivity of L1 Influence on L2 Acquisition." *Language Learning*.30: 43-57.
- ZOBL, H. 1994. "Prior Linguistic Knowledge and the Conservatism of the Learning Procedure: Grammaticality Judgments of Unilingual and Multilingual Learners." In GASS, S. e L. SELINKER(orgs).1994. *Language Transfer in Language Learning*. Amsterdam:John Benjamins: 176-196.